

A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Sânzio de Azevedo

AO DISCORRER sobre os movimentos culturais acontecidos no Ceará no século XIX, Antônio Sales, depois de se referir à Padaria Espiritual, idealizada por ele e fundada em 1892, afirmou:

A animação que vinha de fora e a emulação que se operava dentro, dentro lugar à fundação de mais duas associações – O Centro Literário, composto de *novos* dissidentes, e a Academia Cearense, para a qual entraram os que relativamente se podem chamar os *velhos*, se não lhes desgosta o qualificativo. ¹

Ao surgir, em 15 de agosto de 1894, por conseguinte antes da Academia Brasileira de Letras, a Academia Cearense não foi, como alguém poderia imaginar, inspirada na Academia Francesa fundada por Richelieu em Paris, no século XVIII, mas na Academia de Ciências de Lisboa, tanto que não tinha quarenta membros e sim vinte e sete, a saber: Tomás Pompeu, Pedro de Queiroz, Valdemiro Cavalcante, Raimundo de Arruda, Álvaro Mendes, Farias Brito, Antônio Augusto, Guilherme Studart, José Carlos Júnior, Virgílio de Moraes, José Fontenele, José de Barcelos, Antônio Bezerra, Alves Lima, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcântara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonino Fontenele, Antonio Teodorico da Costa, Álvaro de Alencar, Padre Valdevino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa.

Não tratava exclusivamente de letras, e a *Revista da Academia Cearense*, que circulou de 1896 até 1914, trazia estudos sobre Direito, História, Medicina, Folclore, Geografia, Literatura, Botânica, Filosofia, Filologia, Política, etc.

Não irei aqui repetir tudo o que, fundamentado em trabalhos de Mário Linhares, Dolor Barreira, Manoel Albano Amora e Raimundo Girão, tive oportunidade de escrever na introdução da *Antologia da Academia Cearense de Letras*, publicada em 1994, quando do primeiro Centenário da agremiação.

Mas sempre lembrarei que presidiram a Academia Cearense Guilherme Studart (em caráter provisório), Tomás Pompeu e Pedro de Queiroz.

Ao ampliar em 1922 seu quadro de sócios para 40, a exemplo da Academia Brasileira de Letras, que por sua vez se espelhou no Grêmio de Richelieu, teve seu nome mudado para Academia Cearense de Letras. Foi Presidente outra vez Tomás Pompeu, ficando a Presidência de Honra com Justiniano de Serpa. Cada cadeira tinha um Patrono, como ainda hoje.

Houve outra reorganização em 1930, quando teve a entidade na Presidência Antônio Sales e, depois, Tomás Pompeu Sobrinho.

Numa terceira reorganização, esta em 1951, seria Presidente Dolor Barreira, ficando Pompeu Sobrinho na Presidência de Honra, posto em que permaneceria nas gestões de Mário Linhares, Raimundo Girão, Andrade Furtado, Renato Braga, Antônio Martins Filho e Eduardo Campos. Depois, ocupando a Presidência de Honra Antônio Martins Filho, a Academia teria como Presidentes Cláudio Martins e Artur Eduardo Benevides. É este último atualmente Presidente de Honra, sendo Presidente efetivo José Murilo Martins.

Remontando à primeira fase, apesar da alta qualidade da revista, ela deixou de circular, como foi dito, em 1914. É que o ímpeto da agremiação vinha arrefecendo. Dolor Barreira informa, em sua *História da literatura cearense*: “Nota-se que, de 1902 em diante, rareiam as sessões da Academia Cearense, chegando, mesmo, a cessarem por completo.”²

Isso, não obstante a revista circular ainda por mais de dez anos.

De tal maneira estava apagada a vida do grêmio que em 1922 Leonardo Mota simplesmente ignorava sua existência. Ao tomar posse na Cadeira nº 28, em 1938, o já consagrado folclorista transcreveu, dos anos vinte, trecho de uma crônica de Antônio Sales. Nessa crônica, revelava o autor de *Aves de arribação*:

Uma noite destas, em sua conferência em casa de Juvenal Galeno, o atual redator-chefe do *Correio do Ceará*, Dr. Leonardo Mota, tendo verificado a importância e eficiência das Academias de Letras que existem nas capitais por onde passou, proclamou a necessidade de possuímos uma corporação similar. Eu estava sentado, neste momento, ao lado do ilustre Presidente do Ceará, que, há cerca de trinta anos, faz parte da Academia Cearense, e creio que foi isso que me impediu de observar, em aparte: “Mas, Leonardo, nós já temos uma Academia aqui!” Temos uma Academia, é certo, mas tão mergulhada em seu sonho letárgico, que um

homem de letras e um jornalista, como Leonardo Mota, não tinha noção de sua existência.³

Na verdade, viviam no Ceará oito dos componentes do grêmio de 1894, entre os quais Justiniano de Serpa, o Presidente do Estado.

Para não ficar repetindo tudo quanto escrevi na citada antologia do Centenário, já transcrevi as palavras de Antônio Sales, que lá não estão, e agora passo a comentar notícias de velhos jornais de nossa terra.

Por uma questão de honestidade, confesso aqui não haver feito pesquisas em hemerotecas, como eu fazia noutros tempos. Na verdade, meu saudoso amigo Wilson Bóia, autor do livro *Antônio Sales e sua época*, em 1984, que tive a honra de prefaciar, vez por outra me enviava, lá de Curitiba, onde residia e onde veio a falecer, recortes de jornais cearenses. Não sei como ele os conseguiu, mas não se tratava de cópias xerográficas, e sim de originais.

No jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 19 de julho de 1922, lemos o seguinte:

Conforme noticiamos, em nossa edição passada, reuniram-se no Palácio do Governo alguns dos antigos membros da Academia Cearense de Letras [sic], a fim de ser feita a reorganização daquela importante sociedade de intelectuais.

O *sic* que eu aí pus vai por conta do engano do redator quanto à denominação do grêmio que, como todos sabemos, era Academia Cearense, "tout court".

A nota informa ainda que Justiniano de Serpa foi proclamado Presidente Honorário e fala na transformação de sócios correspondentes em sócios honorários. É interessante constatar que, dentre esses sócios que passaram à categoria de honorários, três são atualmente Patronos: Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua e Moura Brasil.

Vem em seguida a lista dos 40 acadêmicos, porque só a partir dessa reorganização de 1922 nossa Academia passou a seguir o modelo da Academia Brasileira que, por sua vez, se baseara na original, francesa, como já foi dito.

Nessa reforma a associação contava em seu quadro com uma mulher, Alba Valdez, o que a Academia Brasileira de Letras só iria admitir quase 55 anos depois, como o ingresso de Rachel de Queiroz.

Mas na lista dos 40 sócios, que não vou ler porque está em todos os livros que tratam do grêmio, figuram também quatro escritores que se tor-

nariam Patronos: Guilherme Studart, Justiniano de Serpa (que haviam sido fundadores), Pápi Júnior e Rodolfo Teófilo.

Leonardo Mota, que fazia parte, com todo o direito, da Academia, na reorganização de 1922, revelou, em texto reproduzido por Dolor Barreira, que,

apesar de tudo, a Academia não vingou. O desânimo inicial sobreveio, por haverem sido suspensas as reuniões no Palácio da Presidência, em razão da longa enfermidade que prostrara Justiniano de Serpa, o qual veio a falecer a 1 de agosto de 1923. A morte de Serpa acarretou a do cenáculo de que ele era o preclaro animador.⁴

Anos mais tarde, tendo assumido o Governo do Ceará José Carlos de Mãos Peixoto, que havia figurado entre os 40 acadêmicos de 1922, renasceu a idéia da reorganização do grêmio.

O *Jornal do Comércio*, em sua edição do dia 12 de maio de 1930, noticiava:

Sob os melhores auspícios está em marcha a idéia, que já podemos classificar de vitoriosa, da fundação da Academia Cearense de Letras.

Reorganização seria o termo adequado, pois, sabemos todos, houve por aqui uma Academia Cearense, que, por fás ou nefas, pouco, ou quase nada, deu o ar da sua graça.

Três dias depois, isto é, em 15 de maio desse ano de 1930, *O Ceará* estampava uma matéria intitulada “Vai reaparecer a Academia de Letras do Ceará”, na qual se transcreviam trechos do jornal do Arcebispado, destacando os nomes de Matos Peixoto, Válder Pompeu, Pápi Júnior, Leiria de Andrade, José Sombra, Renato Viana, Gilberto Câmara. Jader de Carvalho e Luís Sucupira.

Na verdade, dois intelectuais aí citados não pertenceram à Academia, a nosso ver: Renato Viana e Gilberto Câmara. A nota prossegue, dizendo que alguns desses nomes “são extraordinariamente conhecidos no microcosmo das nossas letras”, sendo que outros “galhardamente ultrapassaram fronteiras”.

Mas, fiel ao espírito polêmico do jornalismo da época, o redator lamenta a ausência de vários nomes, como os de Rodolfo Teófilo, Teodorico da Costa, Júlio César da Fonseca, Barão de Studart, Tomás Pompeu Sobrinho, Quintino Cunha, Meton de Alencar, Eusébio de Sousa, Antônio Drumond,

Manuel Monteiro, Edgard Arruda, Faustino Nascimento e Emídio Barbosa, atirados, como diz a nota, “para o limbo, como trastes inúteis, quando deviam ser os primeiros a encabeçar a lista dos sócios fundadores”.

Alguns desses nomes, sabemos, fariam parte da Academia.

Mas o artigo continua, desta vez condenando o que chama de “uma das mais clamorosas injustiças”, que é a falta, na agremiação,

dos valores incontáveis de nossas laureadas intelectuais, em meio das quais avultam tipos superiores como Adelaide Amaral, Alba Valdez, Adília Albuquerque Moraes, dra. Henriqueta Galeno, a entusiasta renovadora e estimuladora sincera de nossas letras, e outras.

Igualmente aqui vemos alguns nomes que figurariam no grêmio.

Rodolfo Teófilo não foi contemplado nessa reorganização de 1930, mas, por proposta de Elias Mallmam, seu nome foi incluído em um Quadro de Honra, ao lado dos nomes do Barão de Studart, de Juvenal Galeno, do padre João Augusto da Frota, de mons. Bruno de Figueiredo, de Júlio César da Fonseca, de Clóvis Beviláqua e do padre Antônio Tomás.

Por amor à verdade seja dito que a Academia Cearense de Letras em 1930 pretendeu a princípio ser uma entidade autônoma, sem vínculo com a agremiação de 1894 nem com sua reorganização de 1922.

Isso está claro não somente em seus Estatutos, onde se declara *constituir-se* e não *reconstituir-se*, e mais ainda na “Exposição de Motivos”, datada de 29 de maio de 1930 e publicada em jornais como o *Diário do Ceará* e *O Nordeste*.

Começa o texto por lamentar:

Não desconhecemos quão efêmera há sido a vida de todos os movimentos de ordem intelectual, entre nós, em contraste com o riquíssimo patrimônio de legítimas glórias da mentalidade desta terra, onde demoram prodigiosos filões de talentos peregrinos.

Válter Pompeu que, no dizer de Raimundo Girão, foi “o impaciente coordenador da reestruturação da Academia de 1930”,⁵ foi quem fez questão de

divulgar esse documento (talvez de sua autoria), no qual se lêem estas palavras fortes, que aliás já estão reproduzidas na minha *Literatura cearense*, publicada por esta Academia em 1976, graças a Cláudio Martins. Diz o Texto:

Já duas vezes se pretendeu erguer entre nós uma corporação representativa da atividade intelectual, e é esta a terceira, portanto, que se faz a fundação de uma Academia de Letras no Ceará. Da Academia Cearense perdem-se na poeira dos arquivos as pálidas reminiscências; da Academia Cearense criada em 1922, como uma das partes do programa comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, nunca houve a menor parcela de iniciativa para o cumprimento do que deveria constituir um ato de presença, a sua finalidade.

Dolor Barreira reproduz, da *Revista da Academia Cearense de Letras*, v.1, t.1, de fevereiro de 1937, trecho no qual, depois de se dizer que o acadêmico Josaphat Linhares havia sugerido para o grêmio o nome de Academia de Letras do Ceará, proposta não aceita, vem esta informação:

como se soubesse que certos membros excluídos não se conformavam com a exclusão, ficou resolvido que os Estatutos diriam “constitui-se” e não reconstitui-se”, como se estabelecera. Isso sem que, de maneira alguma, fosse pensamento de qualquer dos promotores da refundição criar em verdade uma nova Academia, pois todos queriam continuar as tradições existentes, já quase meio seculares.⁶

No mesmo ano de 1930 foi criada outra associação, esta com a designação proposta e não aceita para a anterior: Academia de Letras do Ceará, da qual faziam parte alguns componentes da Academia Cearense de Letras, como Beni Carvalho, Antônio Furtado, Demócrito Rocha e outros.

Mário Linhares, então no Rio de Janeiro, intitulou “As duas Academias” o capítulo XVII de sua *História Literária do Ceará*, de 1948. Depois de falar das duas entidades, fez esta observação:

É pena que as duas “Academias” não se fundem numa só, como tem acontecido em vários Estados da Federação, para que haja maior equilíbrio, harmonia e força expressional nas letras da terra alencarina.⁷

Essas duas agremiações terminaram efetivamente por fundir-se em 1951, graças aos esforços de Dolor Barreira, Joel Linhares e Clodoaldo Pinto, pela Academia Cearense de Letras, e aos de Henriqueta Galeno, Manoel Albano Amora e Perboyre e Silva, pela Academia de Letras do Ceará. Naturalmente a denominação vitoriosa foi a que permanece até os dias de hoje.

Não vou aqui discorrer sobre as mudanças de nomes de Patronos, o que seria cansativo e penso já haver feito em outra oportunidade. Lembrarei, entretanto, que Antônio Martins, um dos Poetas da Abolição, com as Três Liras, de 1883, ao lado de Antônio Bezerra e Justiniano de Serpa (que são Patronos até hoje), não é mais Patrono de nossa Academia. Luís Sucupira, lamentando o esquecimento em que havia tombado o nome do poeta, disse, após alusão à Academia:

Patrono de uma de suas primitivas cadeiras, estabelecidas em 1922, teve seu nome relegado na reforma de 1930. ⁸

Vários foram os nomes dos que deixaram de ser Patronos, de uma para outra reestruturação do grêmio. Mas aproveito o ensejo para lembrar mais uma vez o nome de Antônio Sales, que nunca foi Patrono, e bem que o merecia, pela sua estatura como poeta e como ficcionista.

É claro que ele não poderia sê-lo em 1922 nem em 1930, pois só iria falecer em 1940. Não esqueçamos porém que houve a reforma de 1951, quando foram considerados Patronos, com justiça, diga-se de passagem, nomes como os de Juvenal Galeno, Pápi Júnior, Rodolfo Teófilo e outros. Antônio Sales não foi lembrado, o que é uma pena.

Neste momento, considero justo apresentar o quadro dos que compõem hoje a Academia Cearense de Letras. Para não tomar muito tempo, direi o número de cada Cadeira, o nome do Patrono e o do ocupante.

Os Patronos aparecem em ordem alfabética a partir do prenome, mas, pelo mesmo motivo, direi o nome pelo qual o escritor é mais conhecido:

1	ADOLFO CAMINHA	Sânzio de Azevedo
2	ÁLVARO MARTINS	Batista de Lima
3	ANTÔNIO AUGUSTO	Carlos Augusto Viana
4	ANTÔNIO BEZERRA	José Murilo Martins
5	PÁPI JÚNIOR	Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes
6	ANTÔNIO POMPEU	Virgílio Maia

7	CLÓVIS BEVILÁQUA	Marly Vasconcelos
8	DOMINGOS OLÍMPIO	Horácio Dídimo
9	FAUSTO BARRETO	Genuíno Sales
10	PADRE MORORÓ	Abelardo F. Montenegro
11	GUILHERME STUDART	Dimas Macedo
12	HERÁCLITO GRAÇA	J. C. Alencar Araripe
13	D. JERÔNIMO	Manfredo Ramos
14	JOÃO BRÍGIDO	Barros Pinho
15	CAPISTRANO DE ABREU	Francisco Sadoc de Araújo
16	FRANKLIN TÁVORA	Beatriz Alcântara
17	JOAQUIM CATUNDA	Paulo Bonavides
18	MOURA BRASIL	Ângela Gutiérrez
19	JOSÉ ALBANO	Juarez Leitão
20	LIBERATO BARROSO	Cid Sabóia de Carvalho
21	JOSÉ DE ALENCAR	Regine Limaverde
22	JUSTINIANO DE SERPA	Eduardo Campos
23	JUVENAL GALENO	Luciano Maia
24	LÍVIO BARRETO	Pedro Paulo Montenegro
25	OLIVEIRA PAIVA	Pedro Henrique Saraiva Leão
26	MANUEL SOARES DA SILVA BEZERRA	Lúcio Alcântara
27	SORIANO DE ALBUQUERQUE	César Barros Leal
28	MÁRIO DA SILVEIRA	Giselda Medeiros
29	PAULINO NOGUEIRA	Costa Matos
30	ROCHA LIMA	Linhares Filho
31	FARIAS BRITO	Francisco Carvalho
32	ULISSES PENAFORT	Napoleão Nunes Maia
33	RODOLFO TEÓFILO	Noemi Elisa Aderaldo
34	SAMUEL UCHOA	Vinícius Barros Leal
35	TOMÁS POMPEU	Alberto Nepomuceno de Oliveira
36	SENADOR POMPEU	Carlos d'Alge
37	TOMÁS LOPES	Teoberto Landim
38	TIBÚRCIO RODRIGUES	F. S. Nascimento
39	ARARIPE JÚNIOR	Mauro Benevides
40	VISCONDE DE SABÓIA	Artur Eduardo Benevides

Senhoras e Senhores:

Estou aqui há quase 34 anos. Na impossibilidade de citar os nomes de todos aqueles escritores que passaram por esta Academia, seja-me permitido homenagear os que aqui encontrei e que já se foram, e que são, pela ordem das cadeiras:

Luís Sucupira
Antônio Martins Filho
Milton Dias
Fran Martins
F. Alves de Andrade
Nertan Macedo
João Clímaco Bezerra
José Valdivino
Pe. Misael Gomes
Jáder de Carvalho
Braga Montenegro
Joel Linhares
Antônio Girão Barroso
Mozart Soriano Aderaldo
Clodoaldo Pinto
Raimundo Girão
Florival Seraine
Carlyle Martins
Otacílio de Azevedo
Durval Aires
João Jacques
Carlos Studart Filho
Josaphat Linhares
Cláudio Martins
Moreira Campos
Otacílio Colares
Cândida Galeno
Hugo Catunda e
Manoel Albano Amora

Peço agora para homenagear os treze que vieram depois de mim, e lamentavelmente já se foram:

Joaryvar Macedo
Natércia Campos
Aderbal Sales
Ribeiro Ramos
Newton Gonçalves
Geraldo Fontenelle
Osmundo Pontes
Itamar Espíndola
Rachel de Queiroz
Denizard Macedo
Argos Vasconcelos
Plácido Aderaldo Castelo e
José Rebouças Macambira.

Senhoras e Senhores

Acadêmico dos menos presentes a solenidades, confesso honestamente não gostar de fazer discursos, pela plena consciência que tenho de não ser um bom orador. Por que então estou aqui?

Por dois motivos que considero relevantes:

Primeiro, porque o Presidente da Academia Cearense de Letras, meu muito prezado amigo José Murilo Martins, a fim de que eu aceitasse o convite para falar nesta noite, mesmo sabendo do grande apreço que lhe tenho, ainda assim apelou para uma evocação que me é extremamente cara: a amizade de Antônio Martins Filho e Otacílio de Azevedo.

Segundo, porque este ano de 2007 registra duas efemérides relativas a Adolfo Caminha, Patrono da Cadeira que tenho a honra de ocupar desde outubro de 1973.

O autor d'*A Normalista*, do *Bom-Crioulo* e de *Tentação* nasceu no Aracati no ano de 1867 (há portanto 140 anos) e veio a falecer no Rio de Janeiro, em 1897, por conseguinte há 110 anos.

Figura destacada do Naturalismo não somente na Literatura Cearense, mas também na Literatura Brasileira, o escritor, que desapareceu ainda tão jovem, não merecia que essas datas passassem em branco.

Assim, com esta mais do que singela homenagem a Adolfo Caminha, encerro minha fala, agradecendo a paciência com que todos me ouviram.

Muito Obrigado.

NOTAS

1. SALES, Antônio. *História da literatura cearense*. In: GIRÃO, Raimundo; MARTINS FILHO, Antônio. O Ceará. Fortaleza: Ed. Fortaleza, 1939. p. 99;
2. BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do ceará, 1948. v.1, p. 190;
3. GIRÃO, Raimundo org. *Falas acadêmicas*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976. p. 76;
4. -----. p. 200;
5. -----. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975. p. 109;
6. BARREIRA, Dolor. Op. cit. p. 208;
7. LINHARES, Mário. *História literária do Ceará*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1948. p. 147;
8. SUCUPIRA, Luís. "Antônio Martins, o jornalista". *Rev. da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, n. 46, p. 21, 1985-1986.